

-INHO E AS RELAÇÕES SEMÂNTICO-FUNCIONAIS: A ESTILÍSTICA NA SALA DE AULA

Wandercy de Carvalho (UFF)
wandercycarvalho@yahoo.com.br

1. *O ato de fazer texto na sala de aula*

Estudar a língua enquanto sistema afetivo, tendo as figuras de linguagem como recurso estilístico, capaz de dar efeito lúdico e diversificado ao texto, sem considerações de natureza normativas, dá mais flexibilidade no momento de produção textual. E uma vez que os alunos se preocupam menos com os conceitos e os rigores da correção acadêmica, passam a produzir textos muito mais criativos e agradáveis de ler. Assim foi, então, o método de trabalho quando se juntou leituras de textos teóricos e literários, com objetivos de produção de textos que falasse de uma experiência vivida, tendo, como destaque, o uso do diminutivo.

Para proporcionar aos alunos maiores domínios da proposta, antes da atividade prática, todos os alunos leram o texto de Manuel Bandeira, “7 balõezinhos,” do qual poderiam aproveitar ideias e adaptá-las às suas realidades pessoais, para que pudessem produzir textos capazes de externar particularidades individuais. Durante o curso que durou um semestre, além de textos teóricos e literários, aos alunos foram apresentados vídeos de músicas tais como: “O amor”, de Rita Lee; “Pelados em Santos”, de Mamonas assassinas; “I saw you saying”, Raimundos; Voyage, Voyage, de Desireless, “Bolero de Ravel”, dentre outras.

2. *Trabalhando com os resultados*

Segue abaixo análise dos dados ocorridos com o sufixo -inho, os mesmos foram extraídos de textos narrativos produzidos, em sala de aula, por estudantes do curso de letras. Contudo, antes será necessário expor o percurso histórico do referido sufixo, para que seja possível compreender a longa “história” do mesmo.

3. *Perspectivas históricas*

Para tratar de questões referentes à produção de textos e à Estilística, antes de tudo, convém esclarecer: enquanto a linguística estuda a

língua como um *sistema de signo intelectual*, do pondo de vista tratado por Bally, (1951), a estilística estuda a língua enquanto *sistema afetivo*, e esta afetividade pode ser expressa por meio de recursos envolvendo o uso do aumentativo, do diminutivo e das diversas figuras de linguagem. Assim, os textos produzidos em sala de aula com essa última característica, manipulados com um determinado propósito, são denominados textos conotativos, ou textos de polissemia aberta, visto que estão centrados em características que permitem o uso da figura de linguagem e, por isso, apresentam múltiplas possibilidades de leituras.

A partir desses pressupostos é possível destacar:

A perspectiva histórica relacionada à formação de palavras com sufixos portadores de noção diminutiva se perde no tempo. No latim, havia um elenco de sufixos próprios para esta categoria de formação de palavras, dentre eles estão: *-elus*; *-olus*; *-ulus*; *-culus*, ambos aparecem ainda nas formas dos gêneros feminino e neutro. Exemplos: *agellus* (pequeno terreno); *puellus* (rapazinho); *paruulus* (pequenino); *misellus* (pobrezinho); *bellus* (delicadinho), esse último foi usado em sentido irônico no período clássico. (cf. Cic. *Fin.* 2, 102).

Esses formadores do grau diminutivo em latim, ao passarem para a língua portuguesa receberam a denominação de “sufixos eruditos”, e hoje muito deles estão presos a palavras que o usuário da língua nem desconfia que sejam palavras compostas, e muito menos, que apresentavam noção de diminutivo. Exemplo: *mamma* (seios) + *ellus* > *mammellus* > (deveria ser *seiozinho*) > mamilos, (é também a origem da palavra mamãe); *apis* (abelha) + *ulla* > *apícula*; *flamma* (fogo) + *ula* > *flamula*; *os* (boca) + *culos* > beijo; *mus* (rato) + *-culus* > músculo; *testis* (pequeno saco) + *-culus* > *testículos*, esta é a origem da palavra testículo.

As palavras: mamilos, apícula, flamula, crepúsculo e tantas outras estão, definitivamente, lexicalizadas (gramaticalizadas) e, ao serem usadas na atualidade, ninguém mais lembra da noção diminutiva que as mesmas apresentavam quando foram compostas. Ou seja, na transição do *latim* para o português, o sufixo *-ullus* nestas palavras deixou de se comportar como *morfema flexional* denotador de grau diminutivo para ser *morfema lexical*.

Minha hipótese é de que, tal como ocorreu com os sufixos latinos, o mesmo está acontecendo, atualmente, com o sufixo *-inho*, uma vez que algumas palavras com esse tipo de sufixo não apresentam a noção prevista para as mesmas, tal fato permite acreditar que as mesmas estão intei-

ramente lexicalizadas, e por isso não trazem mais o sentido diminutivo. Exemplos: galinha, (diminutivo de galo, no feminino), farinha < farelo; colar + inho > colarinho; café + inho > cafezinho (um pouquinho de café, e não um pequeno café); sozinho (não é um pouquinho de solidão, é desacompanhado) etc.

Há quem fale que a origem do diminutivo está relacionada a palavras usadas por criança, mas na realidade, em função das características históricas das palavras vinculadas ao diminutivo, é mais provável que ele esteja relacionado ao gênero literário denominado *sátira*. Este é o gênero do riso e da depreciação, e o que não faltam são exemplos diminutivos depreciadores e provocadores de riso.

Plauto, o maior comediógrafo latino, ao escrever *Poenullus*, literalmente: *Fulaninho* ou *Punicuzinho*, qualquer que seja a preferência pela tradução, o texto não dispensa o tom diminutivo e pejorativo do termo. No entanto, a palavra latina, na sua estrutura normal, sem o sufixo diminutivo *ullus*, significa cartaginês, ou de Cartago. (Para quem não lembra, Cartago foi a cidade que muito incomodou os romanos), por isso, satirizar o povo daquela cidade seria uma forma de depreciar-lhes a honra e o poder bélico.

Desse modo, os sufixos diminutivos, desde a época do latim, já apresentam, conforme a intenção do autor, um tom pejorativo. O exemplo acima, *Fulaninho de Cartago* é o mesmo que, nos dias de hoje, uma mulher ciumenta diria para o marido: “uma *fulaninha* de tal ligou pra você”. O termo *fulaninha* está carregado de pejoratividade, de desprezo e nenhuma referência a tamanho.

Outros sufixos latinos se tornaram populares na língua portuguesa, dentre eles estão: -inu > -im, -inho. (Folhetim, espadim, flautim).

O sufixo -ico, do latim *-iccu*, também tornou-se de cunho popular (Antonico, barrica, burrico); assim como -ito, do latim *-ittu*, usado desde o período imperial em nomes próprios. (cf. COUTINHO, 1972, p. 241) (Manuelito, pequenito). Desse modo, esse pequeno e incompleto demonstrativo sobre sufixos latinos é capaz de sustentar a hipótese de que a origem do diminutivo está relacionada à sátira e não à forma de falar das crianças.

4. Sufixo *-inho* na perspectiva das gramáticas tradicionais

Embora seja muito comum a presença dos sufixos *-inho* e *-zinho* quando o tema sobre o diminutivo é apresentado, convém observar que, na realidade, não existem dois sufixos diferentes; só existe o sufixo *-inho*. O “z” de *-zinho* é uma consoante de ligação usada em palavras do tipo: café + inho. E com que finalidade? Ou por que isso ocorre? Tendo em vista a língua portuguesa não admitir duas vogais tônicas juntas, a consoante “z” *aparece apenas* para distanciá-las, para afastar estas duas vogais, ficando, portanto, ao invés de *caféinho* > *cafezinho*, *bonezinho*. Tal como ocorre com a palavra *cafeteira*: café + eira > *cafeteira* > *cafeteira*. A consoante *t* aparece, apenas, para separar as duas vogais, eliminando, assim, o hiato. Por outro lado, é possível que ocorram palavras do tipo: *miinho* (palavra dialetal = uma espiga de milho pequena), porque não existe ali dois *ii* geminados, mas sim, um *i* na sua estrutura normal, e um *i* nasal, o qual deve ser entendido como “um grupo de dois fonemas”, portanto dois *ii* diferentes, e, por isso, normal o encontro. (cf. CAMARA JR, 1970). Também é possível ocorrer: *painho*/*mãinha* etc. No caso de *mãinha*, existe aí o encontro de duas vogais nasais, sendo, entretanto, uma vogal baixa e outra alta.

Pereira, (1918:79), em sua conhecida gramática, assim esclarece: “Grau do substantivo é a propriedade que tem este de indicar, por terminação ou flexão apropriada, as dimensões do ser por ele nomeado, como; livro – *livrinho*”. Outros exemplos são acrescentados: “menino – *menininho*”; rapaz – *rapazito*. Convém dizer que, naquela época, já era observado que, “além das funções próprias, admitem os aumentativos e diminutivos funções acessórias importantes” (*idem*, p. 81), e destaca o sentido pejorativo e afetivo encontrados no aumentativo e no diminutivo. Antes de Pereira editar a sua gramática, (1907), Pacheco da Silva Jr, em sua *Grammatica da Lingua Portuguesa*, (1879), já aborda questões referentes à mudança de sentido das palavras (Cf. GUIMARÃES, 2004). Com isso, observo que o tema da variação semântica do sufixo *-inho* não é novo, entretanto, parece que os outros significados presentes nele sempre foram deixados para segundo plano, e só, recentemente, esta questão tem despertado maiores interesses.

Rocha Lima, (2008, p. 86), ao tratar do grau do substantivo esclarece, “o diminutivo sintético, *inho* e *zinho* é obrigatório, quando o substantivo terminar em vogal tônica ou ditongo: *café*, *pai*, *cafezinho*, *paizinho*”. Observo, no entanto, que os exemplos apresentados não são apro-

priados, uma vez que, *cafezinho* não faz referência a tamanho, mas sim, à quantidade, por outro lado, *paizinho* não diz respeito a um pai pequeno, mas um modo afetivo de tratar o pai, independentemente do tamanho dele. Entretanto, mesmo com os exemplos citados, logo mais a frente, o autor acrescenta: “em regra, os diminutivos encerram ideia de carinho”. E fica nisso. Ou seja, o autor dedica apenas uma frase para o tema da semântica do sufixo *-inho*. Semelhantes a ele, outros gramáticos, também, parece que não se interessam pela questão e se ocupam, apenas, em apresentar uma extensa lista de sufixos capazes de formar diminutivos.

Bechara, (2001, p. 127-140), tratando do “plural dos nomes com o sufixo *-zinho*” apresenta várias regras de uso do mesmo e exemplos diversos, dentre eles, cita: “os *barzinhos* da Lapa”, mas esquece de acrescentar que alguns desses “barzinhos da Lapa” cabem dezenas de pessoas, e, portanto, não são pequenos. Entretanto, mais a frente o autor acrescenta: “fora da ideia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certos objetos e pessoas, sempre em função da significação lexical da base” (*idem*, p. 141). Mas será que a base é suficiente para manter a significação? Pois, quando aparece um texto que diz:

- (1) Vi uma *velhinha* entrando na igreja.
- (2) Vi uma *velhinha* entrando no shopping.
- (3) Vi uma *velhota* andando de toca.
- (4) Vi uma *velhota* andando de moto.

Cada uma das ocorrências acima apresenta um significado na palavra em destaque, fato capaz de contrariar o que foi dito por Bechara. Será que, o sufixo, em muitas situações, não é mais significativo que a base? Será que os quatro exemplos acima tratam de uma mesma pessoa? Ou os sufixos *-inha/ota* são capazes de apresentar sutis modificações em cada personagem acima referida?

5. Sufixo *-inho* na perspectiva da gramaticalização

A perspectiva teórica da gramaticalização entende a língua como um fenômeno social; em razão disso, a mesma está em constante processo de mudança. Com base nesse aspecto, a análise do *corpus* será efetuada tendo em vista ser possível constatar que, muitas vezes, o sufixo *-inho*

apresenta outras características diferentes daquelas propostas pelas frâmicas normativas.

5.1. Gramaticalização de -inho (-inho no discurso)

Parece que até o presente momento não foi identificada a razão que motiva o sufixo *-inho* a apresentar variações semânticas. Para a referida situação, pensei adotar o princípio de divergência propostos por Hopper (1991), segundo o qual, de uma mesma *fonte etimológica* podem surgir várias formas de palavras, com funções diferentes. Mas esta hipótese não se aplicaria ao sufixo em questão, visto que, embora *-inho* apresente relação direta com o sufixo latino *-inu*, não tem nele uma “raiz”, isto é, *-inu* não é “raiz” de *-inho*, mas sim, o resultado de uma evolução fonética e, portanto, não “genética”. Tal situação obriga a pensar em outra alternativa para explicar o processo polissêmico de *-inho*.

Lehmann (*apud* Gonçalves, 2007) define gramaticalização como um processo de transformação de um item gramatical para mais gramatical. Com base nesse princípio, é possível perceber que o processo flexional com o sufixo *-inho* também não pode ser aplicado ao que é proposto por Lehmann, visto que o sufixo *-inho*, sozinho, não tem nenhum significado, ele não existe por si só.

Como resolver então esse impasse? Por que um mesmo sufixo pode desenvolver valores semânticos tão diversificados? Teorias não respondem todas as perguntas, por isso retomo o que foi dito inicialmente em 1, ou seja, lanço a hipótese de que certas palavras com o sufixo *-inho*, ao seguirem o percurso natural da história da língua, perderam a noção de diminutivo, e este sufixo *-inho* que antes era diminutivo, agora serve para indicar um traço lexical. Por isso, muitas palavras formadas com este recurso não trazem mais a noção de diminutivo, porque o referido sufixo não é mais flexional, mas sim, lexical.

Exemplo: cafezinho (pequena quantidade de café, e não um café pequeno), galo > galinha (diminutiva de galo, no feminino), sozinho, desacompanhado e não uma pequena solidão. A partir dessas características, é possível explicar muitas ocorrências com o sufixo *-inho*.

Exemplos extraídos das redações em análise.

1 A menina riquinha poderia dar uma *mãozinha*. (poderia ajudar)

2 Papito sempre chegava bem de *tardezinha*. (ideia de tempo, chegava muito tarde)

3 O *cafezinho* quente temperava o humor de todas as manhãs. (ideia de quantidade)

4 Com as outras crianças eu brincava de *amarelinha*. (ideia de tipo de brincadeira)

5 (Eles) sofrem por não comprar *nadinha*. (noção de restrição)

6 Me arrastei pelo capim *verdinho*. (intensidade) (muito verde)

7 A grande maioria das pessoas está presa no *mundinho* do consumo. (crítica, coisa reduzida)

8 Nada, exatamente *nadinha*, importava mais que aqueles balões. (avaliação)

9 Os *menininhos* olhavam os *balõesinhos* com tanta vontade de tê-los. (afetividade)

10 E imprescindível a presença das “pobres mulheres” dando uma de *burguesinhas*. (noção pejorativa)

11 Nesta *cidadezinha* as pessoas são muito corretas. (noção de tamanho)

5.2. Palavras lexicalizadas com sufixo -inho

Conforme é possível observar, só a última ocorrência dos exemplos acima faz referência a tamanho. Cada uma das outras apresenta a sua particularidade, oposta ao que, na grande maioria das vezes, é apresentado pelas gramáticas normativas. Isto demonstra uma grande distância entre o português “real”, usado no dia a dia, e o português ideal, proposto pela gramática.

Os exemplos acima também revelam a não existência de uma “barreira” entre o *sistema gramatical* e o *funcionamento discursivo*. Assim, quando digo: “Com as outras crianças eu brincava de *amarelinha*.” Neste caso, o sufixo *-inha* não apresenta nenhuma relação com tamanho, mas, sim, com tipo; um tipo de brincadeira. A palavra “amarelinha” está tão enraizada no cotidiano, que o usuário da língua nem percebe que nela desapareceu a noção indicativa de tamanho, (se é que um dia já teve).

Esta é, portanto, outra palavra gramaticalizada, que faz parte do grande universo lexical da língua portuguesa, e que, por isto, ela não deve ser citada como exemplo de palavras no diminutivo. Está no mesmo campo semântico da fala de crianças que dizem: “vamos brincar de *futebol?*”; “Vamos brincar de *amarelinha?*” amarelinha, portanto, não tem nenhuma relação com tamanho.

Em, “Os menininhos não se importavam com mais *nadinha.*” Nadinha, também, não é um diminutivo, é sinônimo de *coisa nenhuma*. Por si, coisa nenhuma, é nada. Os menininhos não se importavam com nada. Esta é outra situação de palavra gramaticalizada, onde o sufixo *-inha*, que indicaria noção de tamanho, migrou da *categoria flexional* para a *lexical*.

Desse modo, dar aulas sobre o diminutivo no ensino fundamental e médio, requer grande atenção e conhecimento por parte do educador. Porque, conforme é possível constatar a abordagem da questão não é tão simples quanto parece.

Em “Papito sempre chegava bem de *tardezinha.*”

A primeira coisa a dizer é que nunca vai haver no mundo real uma tarde maior do que a outra, todas as tardes têm a mesma extensão no espaço de tempo, (a mesma quantidade de horas), portanto *tardezinha* não faz referência a tamanho, mas sim, ao tempo, um tempo superior, além daquele desejado. “Papito sempre chegava muito tarde”. Tardinha é uma palavra lexicalizada, e ela não tem concorrente, conforme acontece com a palavra *mãozinha*. Não apresenta concorrente porque não existe diminutivo ou aumentativo para a palavra tarde. Conforme já dito acima, todas as tardes no mundo real são do mesmo tamanho, porque todas têm a mesma quantidade de horas, a palavra tarde é uma abstração no decorrer do tempo.

Em “O *cafezinho* quente temperava o humor de todas as manhãs.”

A palavra *cafezinho*, de tão usada no dia a dia, o usuário não mais a identifica ou relaciona com o diminutivo, é, portanto, uma palavra que também está lexicalizada, gramaticalizada, como tantas outras acompanhadas com o sufixo *inho*. Tal como *tardezinha*, *cafezinho* não tem opoente, ninguém chega a uma lanchonete, bar, restaurante e pede um *cafezão*, qualquer que seja a quantidade de café, ele é sempre chamado de *cafezinho*. Da mesma forma como não existe *tardona*, (uma tarde bem grande), também não existe *cafezão*. *Cafezinho* tornou-se uma palavra denotativa, diante de: “vamos tomar um *cafezinho?*” ninguém interpreta

o contive como: “vamos tomar uma cerveja?” Diante do convite inicial pode até ser que no final ele resulte em uma bebedeira, mas de início, a leitura vai ser sempre um convite para tomar um cafezinho, portanto cafezinho é uma palavra definitivamente gramaticalizada, não apresenta nenhuma relação com diminutivo. Na contemporaneidade, o processo de gramaticalização está ocorrendo com uma série de outras palavras formada com o sufixo *inho*, e, em função disso, ocorre esse vasto campo semântico presente no referido sufixo.

Exemplo: “A menina estende a mãozinha.”

Neste caso, o sufixo *-inha* está relacionado à flexão da palavra, (diminutivo); mas quando digo: “a menininha riquinha poderia dar uma mãozinha”, (= poderia ajudar). Agora, “mãozinha” é uma palavra lexical, tal como: cafezinho, galinha, farinha, mamilos, flamula, por isso apresenta outro significado. Em razão desse procedimento, é possível dizer que a palavra mãozinha poderá se gramaticalizar, e que as duas formas: mãozinha com ideia de diminutivo, e mãozinha com noções de complemento da locução verbal poderão conviver sem que uma ocorrência interfira na outra. Fato parecido acontece, por exemplo, com a palavra manga: manga (fruta), manga (da camisa), manga (verbo). Estas palavras criadas com o sufixo *-inho* podem até ser vista como neologismo da língua.

Em, “a menininha riquinha poderia dar uma mãozinha”, uma paráfrase ideal seria: a menina rica poderia ajudar. Neste caso, “dar uma mãozinha” funciona como um sinônimo verbal. Tal como em: “dar um empurrãozinho”, (auxiliar) “dar uma esmolinha”, (ajudar). Na verdade, o diminutivo é um ótimo modalizador discursivo.

Em função das circunstâncias de uso, o sufixo *-inho* vai estabelecer diferentes padrões de significados. No caso de: “a menininha riquinha poderia dar uma mãozinha”, conforme o texto, já que ela é rica, poderia comprar vários bolões coloridos e distribuí-los aos meninos pobres. Em outro contexto, “dar uma mãozinha” poderá significar: socorrer, auxiliar, e outros. O que não pode ocorrer é vincular a construção: “dar uma mãozinha”, com figuras de linguagem, tal como ocorre com: *mão de pilão* ou *mão de ferro*. Estes casos têm suas particularidades no discurso e na Estilística, distante da interferência do sufixo *-inho*, portanto, a desvinculação, de um fato com o outro, é necessária.

5.2.1. Palavras com dois tipos de diminutivos

A língua é muito rica em seus múltiplos recursos de uso, e com o diminutivo ela revela uma das suas maiores criatividade. Algumas palavras apresentam, em diferentes situações, dois casos de uso com sufixos diminutivos. Sendo que um deles, (*inho* < *inu*, sufixo latino clássico), ao ser adaptado na base, revela a sua característica própria de diminutivo, enquanto que o outro caso de uso do diminutivo, (*ittum* > *ete* > *et*, proveniente do latim vulgar), usado particularmente no francês, quando adotado em palavras da língua portuguesa apresenta significado completamente diferente daquele existente na base inicial. Exemplo: cavalo, cavali-*nho*, cavalete; fogo *quinho*, foguete, abaixo outros exemplos:

Cavalo Cavali nho Cava lete	cabalo diminutivo de cavalo armação móvel, com pé, com suporte no qual se coloca o quadro para pintar.*
caixa caixi nha caixon ete	do latim capsula, recipiente de madeira ou papelão. diminutivo de caixa. armação feita de tábua onde é presa a porta das casas.
Fogo Fogu inho Fogu ete	do latim focu, chama acesa.* diminutivo de fogo. veículo espacial, elemento com motor usado em mísseis, espaçonave, etc.
Balanço Balanc inho balanc ete	instrumento pendurado por duas cordas para criança brincar. diminutivo de balanço. recurso contábil, usado para demonstrar o capital da empresa.
Banco Banqui nho Banquet e	instrumento de madeira usado para sentar, instituição comercial. diminutivo de banco. <i>banquetto</i> , “banquinho”, pelo francês <i>banquet</i> – refeição formal e solene em que participam muitos convidados.*
Boca Boqui nha Boquet e(ete)	cavidade oral, para falar e alimentar. boca pequena, trejeito de franzir os lábios, beijo terno* ação de excitar o pênis com a boca, felação.*

**Dicionário Houaiss, 2009*

O quadro acima demonstra que o sufixo *-inho*, nas palavras que recebem os dois diminutivos, faz com que a palavra formada com ele permaneça com as características da base inicial; isto é, além de manter o mesmo significado, se a base for um substantivo concreto, a palavra será um diminutivo concreto. No entanto, o sufixo *-ete* promove significativa alteração semântica na base inicial. Quando isto ocorre, a palavra está completamente lexicalizada, a ponto de o usuário nem lembrar que ela é uma palavra composta por sufixação. Neste caso, o sufixo *-ete* (com o *e* à esquerda, aberto ou fechado), se deslocou da *classe flexional* para a *clas-*

se lexical, mudando, com isso, também, a forma estrutural e a significação primitiva.

Este processo resulta em uma “nova” palavra, ainda que o processo de construção seja o mesmo que ocorre, por exemplo, em casa + inha > *casinha*. A diferença é que em *casinha* permanece a ideia de casa, enquanto que, com o sufixo -ete nos exemplos apresentados acima, o significado da base desaparece de tal forma, que o usuário esquece de fazer relação com a base inicial. Por isso existe a possibilidade de se falar em uma “nova palavra”, tal como correu, por exemplo em: *in + bona + hora* > embora, (preposição + adjetivo + substantivo), *ab + ante* > avante (duas preposições). Na época da formação das mesmas, poderiam ser vistas como neologismo, tal como ocorre com as palavras que aqui estão sendo apresentadas com o sufixo -inho.

O sufixo -ete, nos exemplos acima, adquire “força” parecida a de uma preposição, por exemplo. Isto leva à hipótese de que existem fatores externos à língua que motiva a mudança. Em fogo e foguete, o contexto histórico, político e social foram determinantes para que ocorresse esta última formação. Também será possível dizer que o sufixo -ete é uma alternativa que a língua encontrou para formar novos substantivos, uma vez que a junção de outros elementos tais como; *de + ante* > diante; *in + tunc* > então; *hac + hora* > agora; servem para a criação de advérbios, conjunção ou preposição.

6. *Análise dos dados*

Algumas análises já foram apresentadas acima, mas aqui serão observadas e identificadas outras diferentes ocorrências com o sufixo -inho, de modo a externar o comportamento semântico do mesmo, e, assim, constatar a distância entre o real comportamento do referido sufixo, e aquilo que os manuais, os livros didáticos e as gramáticas sugerem que seja ensinado.

6.1. *Quantificação dos dados*

O *corpus*, constituído de 25 redações, permitiu selecionar 53 ocorrências com o sufixo -inho, ambas foram classificadas com diferentes modalidades semânticas, conforme sugeria os próprios textos. Dentre estas variedades destacam-se, evidentemente, modalidades não previstas

segundo a norma padrão, isto comprova a importância deste trabalho, uma vez que o mesmo acrescenta informações que podem contribuir com outras pesquisas relacionadas ao ensino/aprendizagem.

Ao total foram identificadas 12 (doze) diferentes modalidades semânticas para o sufixo *-inho*. O quadro abaixo demonstra a distribuição e a quantificação das mesmas.

Diferentes semânticas	para o sufixo <i>-inho</i>
Noções de afetividade	10
Noção de avaliação	6
Noção de crítica	4
Dimensão	4
Noção de movimento	1
Intensidade	6
Pejoratividade	1
Quantidade	3
Noção de tamanho	10
Noção de tempo	3
Noção de tipologia	3
Não de restrição	2
Total	53

Variedade semântica do sufixo *-inho*.

Conforme o quadro acima, das 53 diferentes ocorrências com o sufixo *inho*, apenas 10 (dez) faz referência a tamanho. As outras demonstram que muitos estudos ainda precisam ser desenvolvidos nesta área, com objetivo de desconstruir a ideia comum de que a presença do sufixo *-inho* caracteriza o diminutivo. Nos exemplos acima, muitas ocorrências apresentam perfis de funcionalidade capaz de revelar que outras bases podem receber o sufixo *-inho*, e, com isso, apresentar outros significados diferente da noção de tamanho. Conforme entende o funcionalismo, a língua não para, ela está sempre em constante processo de mudança, e, portanto, o que aconteceu a certo vocábulo, nada impede que aconteça a outro. Os exemplos a seguir demonstram os diferentes valores semânticos do sufixo *-inho*.

Noção de afetividade: “Aqueles *meninos pobrezinhos* adorariam ter alguns *balõezinhos*”. Neste exemplo é possível identificar uma escala de afetividade. Quando, na frase, o substantivo e o adjetivo estão no diminutivo, o grau de afetividade é superior do que quando aparece apenas o substantivo. Por outro lado, quando o sufixo *-inho* faz referência a tamanho, não é possível outra leitura além da que está no texto. Exemplo: “Nesta *cidadezinha* as pessoas são muito corretas.” É o mesmo que dizer:

nesta pequena cidade as pessoas são muito corretas. Aqui não há nenhuma noção afetiva. O texto limita-se a duas informações: 1) a cidade é pequena; 2) as pessoas são corretas; e só. Por isso, é possível dizer que, quando uma palavra com o sufixo *-inho* não apresenta outra possibilidade de leitura além daquela sugerida no texto, ela está lexicalizada, ou seja: passou da classe dos sufixos flexionais, para a classe dos sufixos lexicais.

Em: “Aqueles *meninhos pobrezinhos* adorariam ter alguns *baldezinhos*”, muitas inferências podem ser destacadas não só quanto ao tamanho, mas também quanto ao grau de pobreza dos mesmos, assim como quanto ao formato e tipos dos baldezinhos, entretanto nada mais pode ser dito em relação à palavra *cidadezinha*, ela limita a designar que uma cidade é pequena.

É diferente também da noção de *avaliação*: “nem Deus satisfaz a humanidade, imagine um simples *homenzinho*”. A noção avaliativa está perto da comparação. “Nem Deus satisfaz a humanidade, imagine um homem como aquele”. O sufixo *inho*, neste caso, é apenas simbólico, não faz referência a tamanho, apenas contribui no contexto de uma avaliação.

7. Conclusão

Observo que apresentar os conceitos sobre diminutivo não é tão fácil conforme aparece nos manuais escolares e até mesmo nas gramáticas. Para usar ou falar corretamente sobre diminutivo é preciso ter em mente, não só a noção de tamanho, mas também outros sentidos que os sufixos diminutivos podem sugerir.

No entanto, uma possibilidade para falar sobre diminutivos sem correr o risco de cometer maiores equívocos é pensar em *oposição* para a palavra que está no diminutivo. Exemplos: Na *casinha* de minha avó, tomei um *cafezinho*. Será que existem dois diminutivos neste exemplo? A oposição de *casinha* é *casarão*. Portanto: no *casarão* de minha avó, tomei um *cafezinho*. Neste caso a palavra *casinha* é um diminutivo. Por outro lado, em: tomei um *cafezinho*, *cafezinho* faz referência a uma pequena quantidade de café, e não a tamanho; portanto: no *casarão* de minha avó tomei um pouco de café. Ninguém diz que tomou um *cafeão*. Nosso conhecimento de mundo não aceita que alguém diga ter tomado, por exemplo, cinco litros de café. (Em razão da quantidade pode-se pensar em um *cafeão*). Ou ainda: Com os outros netos de minha avó brinquei de

amarelão. Não existe oposição para a palavra amarelinha, portanto, ela é uma palavra lexicalizada.

Desse modo, tendo em vista que a palavra cafezinho não apresenta oponente, esse fato é indício de que ela está lexicalizada, e, em função disso, está gramaticalizada. O sufixo *-inho* deixa de apresentar, conseqüentemente, noções de tamanho. *Cafezinho* é uma palavra comum, que faz parte do léxico, tal como *flamula*, *mamilo*, *galinha*, *farinha*, *sozinho*, *foguete*, *balancete*, *tardinha* e tantas outras mais que precisam ser identificadas como pertencentes ao léxico, para que não sejam incluídas entre palavras com formação de grau diminutivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLY, Charles. *Traité de stylistique française*. 3. ed. Paris: Klincksieck, 1951.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

FARIA, Ernesto. *Gramática da língua latina*. Brasília: MEC/FAE, 1995.

FILHO, Leodegário A. de Azevedo. *Ensaio de linguística e filologia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica et al. *Linguística funcional teoria e prática*. Rio de Janeiro: FAPERJ, DO&A Editora, 2003.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite et al. *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.

GUIMARÃES, Eduardo. *História da semântica*. São Paulo: Pontes, 2004.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*, 8. ed. Lisboa: Clássica, 1975.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica expositiva: curso superior*. 8. ed. São Paulo e Rio de Janeiro: Weiszflog irmãos, 1918.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 47. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

SPITZER, Leo. *Linguística e história literária*. Madrid: Gredos, 1968.